

FORMACRIAÇÃO¹

Claudia Rosa Riolfi²

Eurodisney, verão de 1997. Tendo realizado este passeio com o pretexto de comemorar o aniversário de dois anos de minha filha, deparo-me, sozinha, com o trem fantasma. Curiosa, entro e descubro que o acesso ao brinquedo se dá por uma espécie de enorme elevador aberto, do qual pode-se observar a decoração das paredes. São cenas bucólicas, tocadas para o lado do *brega* : a bela jovem faz *pic-nic* no campo, o casal rural se beija, o bebê rosado sorri ao sol.

Estranha escolha de decoração para introduzir um sujeito num trem-fantasma, penso eu. Não por muito tempo, porém, pois ele desce, o tal elevador, revelando, por assim dizer, o lado de baixo do quadro : no contínuo das imagens idílicas, no mesmo quadro e, portanto, dentro da mesma moldura, surgem imagens de terror e de morte.

A metonímia inesperada me fascina a tal ponto que, esquecendo do aniversário da filha, da atenção que deveria ter com quem cuidava dela naquele momento, da tese de doutoramento então por terminar, eu enfrento fila e vou cinco vezes consecutivas no trem fantasma. Nos momentos de espera entre uma rodada e outra, quase que posso escutar a melodiosa voz de Paul Mc.Cartney cantando : « *When you were young, and your heart was an opened book, you've used to say live and live, I know you did, I Know you did, I know you did, but this ever changing world in which we live in, makes you give in the cry : so, live and let die*³. »

É uma letra que conheço de longa data, mais especificamente, da trilha sonora do filme *Com 007 viva e deixe morrer*, que assisti por volta dos dez anos de idade. Pouco lembro do filme, exceto de uma metáfora que nunca me abandonou : a dos mortos-vivos, seres que o famoso agente secreto 007 encontrava dentro da mata. Tratava-se de humanos de quem, por meio de magia, havia sido retirada a alma. Referiam-se a eles no filme como mortos-vivos pois, embora se mantivessem com aparência e funcionamento biológico de vida, no sentido de um possível exercício de uma subjetividade, eram mortos.

Ou seja, o que 007 encontrava em sua pesquisa - e, infelizmente, não me lembro mais o que ele buscava por meio dela - era corpos vivos que, mortos em sua singularidade, serviam de instrumento para realizar o desejo do Outro. Tal metáfora me despertou uma série de questões, refinadas ao longo do tempo : um morto cujo corpo foi conservado por astutos poderes, o que é isso senão uma forma, destituída de qualquer possibilidade de criação ? ; se caso tal morto falasse, seria justo chamar isso que sai de sua boca de fala ? ; se assim o fizéssemos, já que ele é vazio, mero invólucro, tratar-se-ia da fala de quem ?

Aproveito estas minhas interrogações para chegar um pouco mais perto de nosso tema específico, propondo um pequeno exercício de imaginação. Suponhamos que os tais mortos-vivos, libertados por 007 da selva onde se achavam presos, tivessem, em busca de algum alento para a sua condição de sentirem-se, literalmente, sem conteúdo, vindo buscar matrícula na universidade. Lá chegando, deparar-se-iam com a tarefa de fazer pesquisa. Neste caso, de quem seria a pesquisa que se

¹- Texto base para exposição da sessão temática : Leitura : ação da pesquisa na formação, em 22/07/1999, no *I Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior. 12º Congresso de Leitura - COLE*. Unicamp, Campinas, realizado de 20 a 23 de julho de 1999. Uma versão dele foi publicada na *Revista Línguas e Letras*, Unioeste. Vol. 2, nº. 1, 1º. Semestre de 2001, pp. 13-18

²- Psicanalista, Doutora em Lingüística pela Unicamp, professora substituta na Universidade Federal de São Carlos.

³ - « Quando você era jovem, e seu coração era um livro aberto, você costumava dizer 'viva e deixe que vivam'eu sei que você dizia, eu sei que você dizia, eu sei que você dizia, mas este mundo que não para de mudar no qual nós vivemos, faz você soltar um grito : então, viva e deixe que moram. » A tradução livre é minha da canção *Live and let die*, de Paul Mc, Cartney, gravado em 1973 pela Apple.

faria ? ; para quem seria endereçada ? ; o que nosso amigo vudu, que, de resto, é vazio, lucraria com seu próprio ato ?

Chegados neste ponto, antes que vocês cheguem a conclusão de que eu estou me dedicando aqui em contar histórias para boi dormir, aviso que vim para falar de pesquisa. Especificamente, daquela que se faz durante o processo de formação profissional, seja ela sustentada por programas de iniciação científica, seja por exigência curricular, seja por vontade do aluno. Não se trata de um comentário sobre a pesquisa em si, entretanto, mas de uma investigação sobre o laço que se estabelece entre o formador e aquele que é formado, e o tipo de produto que se pode colher de cada uma das modalidades de relação entabuladas.

Pretendo defender uma certa posição ética, que nomeei no título do trabalho proposto como *formacriação*, que, ao meu ver, nos livra, enquanto professores, de - sem sequer nos darmos conta - encarnarmos a figura daquele obscuro ser que, dentro da mata, roubava a alma de seres humanos para transformá-los no instrumento de seu gozo. Há que se formar, sem dúvida, e tal ato implica necessariamente em « domesticar » certas modalidades de gozo do sujeito para que sejam como a nossa, seus futuros pares. Por outro lado, nessa formação, há que se permitir o furo que, nos descompletando frente aos olhos daqueles que formamos, permita certa parcela de criação.

Não estou sozinha nesta aposta. De diversos pontos do país, companheiros de luta - com os quais pude contar em diversos momentos da construção desta reflexão - acudiram meu apelo de que estivessem presentes nesta primeira promoção que, junto com o GEPEC, a APGL realiza. Neste momento, devo agradecê-los porque mesmo apesar de eu ter dedicado a eles tão pouca atenção durante o encontro, sustentam minha presença nesta mesa com seu olhar cúmplice.

Devo agradecê-los ainda por outra coisa : pelo fato de termos podido trabalhar juntos mesmo sendo tão diferentes uns dos outros. Não tão diferentes, porém, a ponto de não compartilharmos de um mesmo princípio, qual seja: acreditar, desde sempre, em algo no que jamais acreditaria o feiticeiro que assombra a selva investigada no filme do 007. Nossa posição ética parte do princípio que aqueles que formamos - apesar de muitas vezes não parecerem - são vivos, e, neste sentido, tem algo **de seu** a dizer.

Cabe a nós, os formadores, a hercúlea tarefa de não sucumbirmos em tentação de roubar-lhes a alma. Até porque, na justa medida em que nos amam, de ordinário nos oferecem, a tal alma. Ao contrário disto, há uma insistência em colocarmo-nos na relação que se estabelece com nossos alunos numa certa posição que permita que, justamente, que quando aquilo que é singular de cada um compareça - já que de um modo ou de outro, isso sempre comparece - haja espaço para que tal coisa seja escutada.

Apostamos também que, caso tenham oportunidade, nossos alunos aproveitarão a chance de tal escuta para que, neste dito, ocorra algo com potência de criação, de reviravolta, de transformação. Se por um lado é justo que cada um saiba que « *Tudo que a vida aprontou com você. Deu no que era pra dar. Nunca se pode tentar desfazer. Mas nada se perde em tentar.* », por outro lado, esse saber só porta alguma possibilidade de consequência porque nele está incluso um convite : « *Afasta o destino, vai. Se muda do teu lugar.* »⁴.

Se muda do teu lugar. Esta frase, em si, não traz consequências. Mas pode trazer muitas, entretanto, se cada um de nós percebe que o lugar do qual é necessário mudar-se é justamente a posição de muda. Sobre a experiência pedagógica de cada sujeito, é necessário falar, estreitar laços, compartilhar.

É oportuno dizer, então, que o desejo de estar aqui compartilhando de minhas idéias com vocês já data de dez anos, advento do Fórum Acadêmico de Letras - FALE, por sua vez, criado em minha vida como o primeiro fruto de uma longa série de coisas que puderam ser depuradas em meio de uma grande paixão amorosa por um homem. Revelar este detalhe biográfico tem muito menos o objetivo de tornar pública minha vida íntima, que, de qualquer maneira, não é da conta de ninguém, e, muito mais, o de fazer um indicativo, o de levantar uma pista para dar a ver que o assunto de minha fala desta manhã - como eu já indiquei diversas vezes até o presente momento - tem para mim a gravidade de uma questão de vida ou morte.

⁴ - Da canção *Um Rei*, de Celso Fonseca e Ronaldo Bastos, gravação de Ney Matogrosso.

Live and let die. Ou, mudando de língua e de ordem sintática, deixemos morrer o Outro ao qual nos alienamos - e para quem nos fazemos de objetos mudos - para que, no nosso lado, algo de vivo compareça, e talvez, se formos sensíveis, nos surpreenda e nos comova.

É por falar em comoção, a moção, o movimento que se faz em conjunto, que me lembro do profundo assombro que experienciei, não no trem fantasma, mas na leitura de Saramago⁵ quando num ponto bastante adiantado do enredo, uma personagem que tinha acabado de matar seu inimigo, torturador e estuprador, ainda desentendida de seu próprio ato, pergunta-se sobre a justiça do que havia feito. Eu leio este momento: « *E quando é que é necessário matar, perguntou-se a si mesma enquanto ia andando na direção do átrio, e a si mesma respondeu, quando já está morto o que ainda é vivo* ». p.189.

E o que já está morto, eu ousou perguntar? Eu não sei a resposta de cada um, mas encontrei a minha: o que está morto é justamente uma impossibilidade de falar de minha própria prática, e, mais ainda, o que está morto é um certo padrão de repetição que me impele a fazer do mesmo jeito quando tudo indica que, como nas vezes precedentes, aquele negócio vai dar errado.

É hora, agora, de confessar qual é a fonte primária desta minha fala: lições que aprendi de meus alunos, em especial, aquelas que aprendi durante as inúmeras tentativas de elaborar momentos que foram percebidos como fracassos no ato de formar futuros pesquisadores. Lições estas que, de um outro lugar, e de um outro modo, puderam ser resignificadas pela minha experiência, mais recente em minha vida, de escuta na clínica psicanalítica, lugar onde, em um certo sentido muito particular, um sujeito vêm pedir auxílio para engajar-se numa pesquisa.

Reconheço, entretanto, que o fracasso como musa inspiradora possa causar em vocês algum estranhamento, pois, a exemplo de Fernando Pessoa, de quando em vez, tenho a impressão de que *nunca conheci quem tivesse levado porrada*, pois, *todos os meus conhecidos tem sido campeões em tudo*. Aposto que todo mundo aqui conhece muita gente assim, cada vez que - distraídos - verbalizamos em sua frente alguns de nossos problemas, sacam logo do bolso uma solução.

O problema é que costumam ser convincentes em sua lenga-lenga, e acabam por nos convencer que são *todos o Ideal*⁶, com o *I* maiúsculo, como grafa Fernando Pessoa. E agora, podemos chamar de Ideal, com *I* maiúsculo, aquele ser obscuro que 007 achou na selva e que se nutria da alma alheia, e sustentava-se do trabalho do próximo. É ele, o feiticeiro, quem fala. Por sua vez, o morto-vivo, ele é emudecido, pois, ou guarda silêncio, ou fala apenas o que, em sua suposição, no cenário de sua fantasia, agrada a seu feitor.

Essa é a face de morte, para retomar minha narrativa sobre o trem fantasma. Vejamos se é possível seguir este meu raciocínio: qual relação possível se pode ter com aquele que encarna para o sujeito um Ideal? Copiá-lo, é lógico. E fracassar na tentativa, é óbvio. E frustrar-se, é evidente. Calar-se, Colar-se. Persistir no mutismo: eis aí um corpo vivo habitado por um sujeito morto. Aquele que não fala de suas questões, ou que, na ilusão de fazê-lo apenas reproduz, sem se dar conta, o que já disse os que já o precederam, não é exatamente vivo, é um morto-vivo, um vudu.

Chegados neste ponto que a porca torce o rabo. Para alguns, a única saída que no fim das contas é para o lado da vida, é desistir, recalçando o ideal, abandonando sua pesquisa e indo cantar em outras freguesias. Outros acabam caindo, em relação àquele que encarna o Ideal, numa subserviência que disfarça muito mal uma agressividade mortífera. Além de mortos estão presos ao voto inconsciente de que o Outro morra, para que, enfim, vejam-se liberados para pensar.

Poucos, entretanto, sabe-se lá porque milagre, recitam outro verso de Fernando Pessoa *Se têm a verdade, guardem-a!*⁷, e vão, com a cara e a coragem, experimentar novos caminhos. Para mim, é apenas estes últimos que, legitimamente, podem ser chamados de pesquisador, quase que independente de qualquer opção teórica ou metodológica que tal opção pode comportar. Com uma ressalva, entretanto: aí é necessário colocar um hífen para ler melhor esta palavra: *pesquisa-dor*.

Pesquisa-dor é aquele sujeito que, mais longe o possível das amarras que lhe impõem os diversos ideais, mergulha - implicado em todo seu corpo - na tarefa única e, de resto, para cada um

⁵ SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁶ - PESSOA, F- *Poema em linha reta*. In: **O eu profundo e os outros Eus**. Rio de Janeiro: Noca Fronteira, 1980. Pp.268-9.

⁷ PESSOA, F (1923) - *Lisbon Revisited*. In: Op.cit. Pp.253-4.

absolutamente singular, de pesquisar a *dor* específica de sua existência. Nesse sentido, cada tema ou questão de pesquisa escolhido por um sujeito que teve a chance de, neste momento, efetivamente realizar uma escolha, é uma maneira simbólica de poder abordar, através de uma metáfora (o trabalho de investigação científico-acadêmica), este absurdo e obscuro objeto que lhe faz falta e, sem que ele saiba, dirija e modela sua existência.

A personagem Mafalda, das histórias em quadrinhos argentinas, após uma longa série de cenas silenciosas, diz no último quadrinho de sua tira : *mas porque justo a mim, coube a sina de ter nascido eu ?* Talvez eu possa dizer que, se uma pesquisa efetivamente se relaciona com a verdade de um sujeito, é esta a questão que está por traz de qualquer e toda pesquisa, seja seu tema manifesto a repetência na terceira série primária, ou a queda do « s » final no dialeto da cochinchina.

O irônico é que, quando mais alguém avança neste processo de saber melhor de sua dor de existir o que ele descobre é que a pergunta que o guiava era falsa, pois parte de uma falsa premissa : não há sina, nada, além de sua alienação, obriga o sujeito a ser o que é e a dizer o que diz, muito menos há algo que o force a realmente ficar mudo. Para além do **COLE, O DIZ-COLE, O DESCOLE**.

A APGL propõe que decole o descole porque desse negócio de ter que ficar grudado no Outro que diz por nós já estamos todos de saco cheio. Pela reação do público não éramos só nós, e o que diz disto é a proporção entre comunicações e público inscritos neste encontro. Resta poder avaliar, e, acho que isso é só para o fim do encontro, o que em cada uma das comunicações há de próprio do *comunica-dor*, de novo com hífen.

Sei que até aqui fui um pouco depressa : a idéia era mesmo dar uma noção geral de onde estou partindo, criando entre nós um certo território comum, para, sobre ele, poder edificar algumas questões específicas. Retomo o título de minha exposição : *formacriação*. Esta foi uma palavra que eu inventei para nomear o drama de todo sujeito : se, por um lado, para ser formado em alguma profissão, ele precisa sofrer uma certa formatação, ser enquadrado num certo discurso que certamente o assujeita, em sua obrigação de reproduzi-lo, por outro lado, essa formatação porta em seu bojo mesmo, não só « o lado positivo » de uma dada formação, mas também todos os seus sintomas.

Se eu aprendo ser professor como meu professor foi, não é só o lado bom da história que eu reproduzo. Em relação ao meu precedente, muitas vezes eu enceno, em ato, o que para ele ficou recalcado. É o recalcado o que vem de lambuja para o novo sujeito, que compõe sua formatação como se fosse um vírus que vem junto num disquete sem que ninguém saiba disso.

Concluindo, se a “desgraça” se propaga no silêncio, o que a supera é a invenção.